



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: PARA ALÉM DAS NOMENCLATURAS GRAMATICAIIS

PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: BEYOND GRAMMATICAL NOMENCLATURES

Letícia Regina Marcolin (UPF)¹

Luciana Maria Crestani (UPF)²

Resumo: O ensino de língua materna nas escolas é frequentemente confundido com o ensino de nomenclaturas gramaticais. Contudo, ensinar língua não se resume à conceitualização e à classificação de elementos linguísticos, tampouco o conceito de gramática se resume a isso. Nesse sentido, o presente trabalho busca esclarecer a diferença entre ensino de língua e ensino de nomenclaturas gramaticais, refletindo sobre como a gramática está implicada no uso da língua e pode ser explorada nas atividades escolares com vistas ao efetivo desenvolvimento de competências discursivas dos estudantes. Assim, é no diálogo entre preceitos da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) e estudos de autores que discorrem sobre o tema, entre eles Antunes (2014), Geraldi (2006), Neves (2019) e Possenti (1996, 2006), que se firmam as reflexões deste trabalho, o qual busca contribuir para repensar práticas e/ou suscitar novas e outras propostas de ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Ensino de gramática. Nomenclatura gramatical. BNCC. Competências discursivas.

Abstract: The teaching of the mother tongue in schools is often confused with the teaching of grammatical nomenclatures. However, teaching language is not limited to the conceptualization and classification of linguistic elements, nor is the concept of grammar limited to this. In this sense, this work aims to clarify the difference between teaching Portuguese and teaching grammatical nomenclatures, reflecting on how grammar is involved in language use and can be explored in school activities with a view to the effective development of students' discursive skills. Thus, it is in the dialogue between precepts of the National Common Curricular Base - BNCC (Brasil, 2018) and studies by authors who discuss the subject, including Antunes (2014), Geraldi (2006), Neves (2019) e Possenti (1996, 2006), that the reflections of this work are based. This work seeks to contribute to rethinking pedagogical practices and/or raising new and other proposals for teaching Portuguese.

Keywords: Portuguese teaching. Grammatical teaching. Grammatical nomenclature. BNCC. Discursive skills.

¹ Mestranda em Letras, bolsista Capes, pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: 179170@upf.br; letir.marcolin@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: lucianacrestani@upf.br.



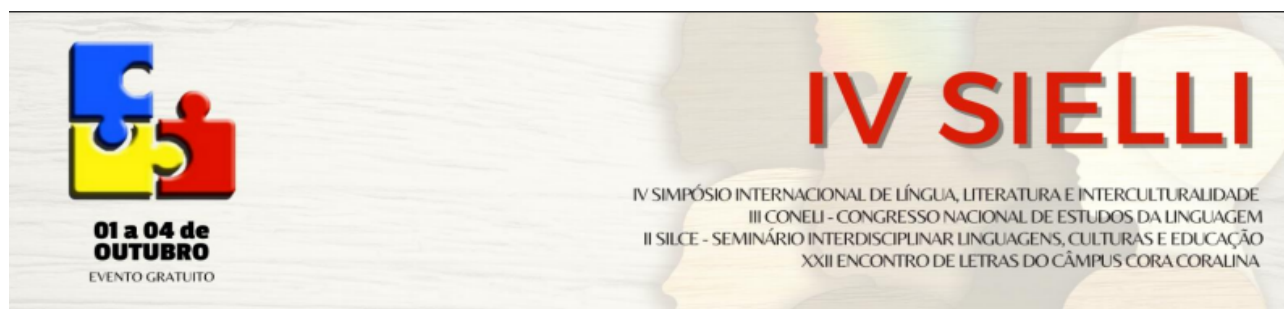
INTRODUÇÃO

No contexto educacional brasileiro, o ensino de Língua Portuguesa é frequentemente confundido com o ensino de nomenclaturas gramaticais. Isso ocorre quando as aulas priorizam a classificação dos fatos da língua e deixam de lado o seu potencial enquanto meio de interação. É importante destacar, entretanto, que a língua é muito mais que um conjunto de regras a serem memorizadas. Além disso, os falantes de uma língua já sabem, de forma internalizada, muitas regras gramaticais que regem as estruturas dos enunciados. Ensinar Língua Portuguesa na escola é, então, ensinar o aluno a ser capaz de ler, interpretar e produzir textos (verbais, não verbais, multissemióticos).

Nesse sentido, apoiado em preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC; Brasil, 2018) e em autores que discorrem sobre o ensino de língua materna, entre eles Antunes (2014), Geraldi (2006), Neves (2019) e Possenti (1996, 2006), o presente estudo busca esclarecer a diferença entre ensino de língua e ensino de nomenclaturas gramaticais, refletindo sobre como a gramática está implicada no uso da língua e como pode ser explorada nas práticas de sala de aula a fim de promover o efetivo desenvolvimento das competências discursivas dos estudantes.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa, em que, a partir de revisão teórica, apresenta-se uma breve proposta de análise linguística/semiótica. Assim, é no diálogo entre preceitos da BNCC (Brasil, 2018) e estudos já publicados sobre o tema que se firmam as reflexões e proposições deste trabalho, o qual se justifica na medida em que pode contribuir para (re)pensar práticas de ensino de Língua Portuguesa e/ou suscitar novas e outras propostas que tenham como foco o desenvolvimento de competências discursivas dos alunos.

Esse texto se divide em duas seções além da introdução e conclusão. A primeira seção, aula de língua vs. aula de gramática: o que muda?, discorre sobre os conceitos de língua e gramática, bem como sobre diferenças e aproximações entre aula de língua, de gramática e de nomenclaturas gramaticais. Por fim, na segunda seção, será apresentado um exemplo de como explorar a gramática de modo que o foco do ensino seja o desenvolvimento de competências discursivas.

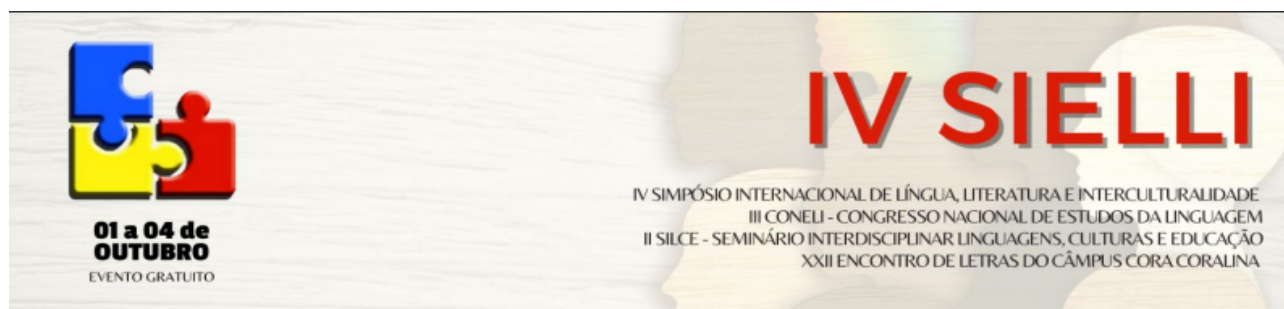


AULA DE LÍNGUA VS. AULA DE GRAMÁTICA: O QUE MUDA?

A língua faz parte da vida social de todos os falantes de determinado idioma e, portanto, é essencial refletir sobre sua abordagem no contexto escolar. A língua não é apenas um conjunto de regras a serem seguidas, ela serve, antes de tudo, para a interação entre os sujeitos e, por isso, é dinâmica, constituindo “um sistema eminentemente variável” (Neves, 2019, p. 117). Ela é o resultado das interações sociais pelo seu uso e, de acordo com Geraldi (2006, p. 41), é tomada “como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”. Conceber a língua como forma de interação é compreender que o desenvolvimento de habilidades linguísticas está associado às práticas de leitura e de produção de gêneros textuais. É também reconhecer e valorizar as variedades de uma mesma língua, uma vez que o modo como as pessoas falam/escrevem está associado à sua identidade enquanto indivíduo e membro de determinada comunidade linguística.

Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental ao propiciar aos alunos a oportunidade do contato com novas formas de utilização da língua, pondo em evidência a complexidade e a multiplicidade de sentido que pode ser expresso por meio de diferentes escolhas lexicais, adequadas a diferentes situações, uma vez que se destaca como “um espaço social, palco de vivências interativas, de situações de linguagem” (Antunes, 2014, p. 50). Ou seja, a escola se constitui como o espaço legitimado e privilegiado para o desenvolvimento de habilidades de uso da língua. Ademais, é importante lembrar que o aprendizado linguístico não cessa nunca, ele se dá de forma contínua durante toda a vida, pois se está sempre aprendendo novos termos, novos usos, novas estruturas.

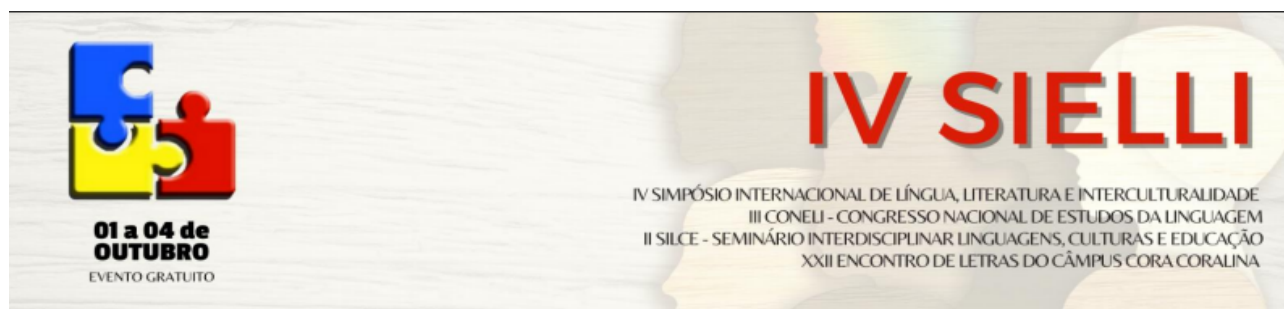
De acordo com o que é postulado no documento de caráter normativo que rege a educação básica em todo território nacional, a BNCC (Brasil, 2018), o ensino de Língua Portuguesa na escola deve incorporar uma abordagem que considere as relações sociais e as multimodalidades, priorizando o ensino da língua em seu contexto de uso e a reflexão sobre os sentidos que as diferentes escolhas enunciativo-discursivas projetam nos enunciados. Para o componente de Língua Portuguesa, o documento destaca quatro práticas de linguagens como eixos a serem explorados ao longo da educação básica: a oralidade, a leitura, a produção de textos e a análise



linguística/semiótica. Essas práticas de linguagem precisam ser realizadas de forma contextualizada a partir do trabalho com diversos gêneros textuais presentes no cotidiano do aluno.

A análise linguística/semiótica não deve se limitar à classificação de palavras ou elementos da oração, mas sim voltar seu olhar às escolhas enunciativas – entre elas as de ordem gramatical, como concordância verbal e nominal, grafia, aspectos notacionais, variante linguística, etc. – feitas no enunciado para perceber os sentidos produzidos e como são produzidos, para que, assim, os alunos desenvolvam competências cada vez mais consistentes enquanto leitores e produtores de textos. Nesse mesmo viés, aponta que “os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas” (Brasil, 2018, p. 139). Além disso, a BNCC (2018) dá ênfase à análise semiótica, propondo o olhar integrado às diferentes linguagens que constituem os arranjos textuais multissemióticos e os efeitos de sentido que cada linguagem (e todas juntas) produz(em). A proposta é de que, nas práticas de análise linguística/semiótica, sejam explorados não apenas mecanismos e particularidades da língua enquanto sistema sógnico, mas também de outras formas de linguagem que integram os textos.

Nesse viés, destaca-se a importância do estudo gramatical associado às escolhas linguísticas (semânticas, sintáticas, notacionais etc.), uma vez que a produção de sentidos está também atrelada a elas. Contudo, é essencial esclarecer que a concepção de gramática não se restringe a ideia de normas, classificação e nomenclaturas. Como bem apontado por Possenti, o termo gramática assume três diferentes definições: “1) conjunto de regras *que devem* ser seguidas; 2) conjunto de regras *que são* seguidas; 3) conjunto de regras *que o falante da língua materna domina*” (1996, p. 63, grifos do autor). À vista disso, fica claro que a “gramática refere-se a uma língua” (Possenti, 2006, p. 48) e, portanto, o estudo de gramática não pode se restringir a conceituações dos fatos da língua, tampouco às normas sobre como falar/escrever corretamente. O estudo gramatical precisa abarcar o conjunto de operações que os falantes efetivamente utilizam para se comunicar, propiciando reflexões sobre os diversos efeitos de sentido que diferentes escolhas produzem.



Diante das reflexões feitas é fundamental esclarecer que há uma diferença significativa entre uma aula de gramática e uma aula de nomenclatura gramatical: enquanto esta se volta apenas para classificações e normas gramaticais, aquela está associada ao ensino de língua em uso, com foco no processo de compreensão e produção de enunciados. Ou seja, decorar termos técnicos, por si só, não propicia competência de uso da língua. Segundo com Neves (2019), é preciso que as aulas partam da língua em uso em direção à norma-padrão, explorando práticas significativas e contextualizadas, tendo o texto como ponto de partida e ponto de chegada, com vistas ao desenvolvimento de competências de interpretação e produção textual. Nessa mesma direção vão as proposições da BNCC (Brasil, 2018). Dessa forma, as reflexões sobre a língua precisam partir dos contextos específicos de uso (com as variantes neles implicadas) e propiciar avanços em direção à língua padrão, pois negar aos estudantes a aprendizagem dessa variante é excluí-los do mundo mais privilegiado.

DA REGRA À PRÁTICA: A GRAMÁTICA A SERVIÇO DA LÍNGUA

Aula de língua e aula de gramática se fundem desde que ambas tenham como ponto de partida o ensino da língua em seu contexto de uso. O problema é quando as aulas de Língua Portuguesa se concentram apenas no ensino de nomenclatura gramatical, priorizando a classificação dos elementos linguísticos. Ensinar gramática voltada ao uso da língua envolve olhar para as estruturas linguísticas, suas regularidades e irregularidades, além de compreender como diferentes escolhas vocabulares e sintáticas afetam o sentido a depender do uso que delas se faz. Além disso, é essencial reconhecer que a língua está em constante variação e evolução e considerar esses aspectos nas práticas de reflexão em sala de aula.

Segundo Possenti (1996), os gramáticos analisam a língua para descrever regras usadas pela maioria dos falantes em um determinado espaço e tempo, mas a língua muda. Portanto, não faz sentido impor aos alunos uma gramática muitas vezes arcaica. É essencial desenvolver competências que permitam aos alunos usar as estruturas linguísticas de forma significativa. Nesse sentido, fica claro que o foco das aulas de língua não deve ser a classificação dos elementos linguísticos ou o conhecimento das nomenclaturas gramaticais, pois a gramática é apenas “um dos

componentes de que se constitui uma língua” (Antunes, 2014, p. 24). Isso não significa que não se possa trabalhar com a classificação dos elementos linguísticos ao mesmo tempo em que se desenvolvem atividades de leitura e produção textual. O que não se aceita é a classificação por si só, desconexa das reflexões sobre o contexto de uso e/ou sobre os sentidos que produzem nos enunciados.

Assim, ao planejar uma aula de Língua Portuguesa, é ideal que as atividades partam de gêneros textuais que circulem em espaços acessíveis a todos, levando em conta as relações entre os textos e as escolhas linguísticas que produzem sentido. Após esse processo reflexivo, pode-se introduzir a conceituação gramatical apenas como um complemento, já que é mais importante que os alunos saibam compreender e produzir textos do que apenas conhecer classificações.

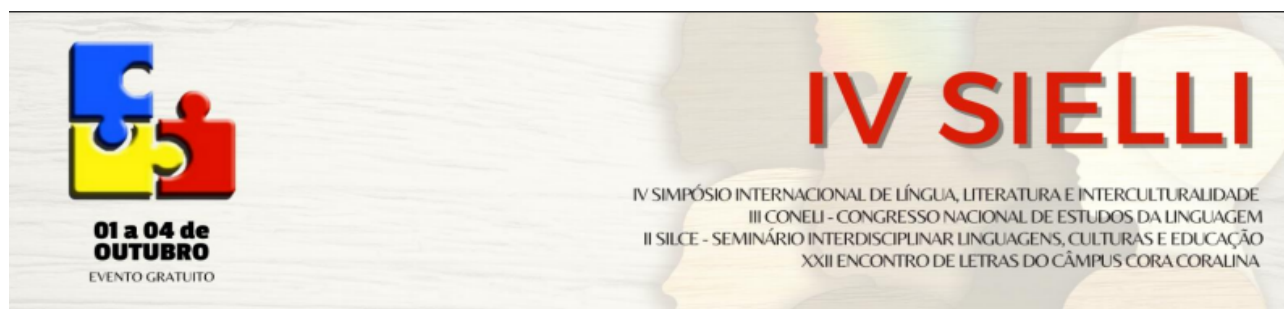
Como exemplo de transposição didática com base nas reflexões levantadas e segundo os preceitos da BNCC (Brasil, 2018), apresenta-se uma breve proposta de abordagem do gênero textual tira, que é um texto multissemiótico presente na realidade dos alunos e pode ser trabalhada do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 141) uma das habilidades a ser desenvolvida a partir da abordagem de gêneros dessa natureza é “Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges [...] –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos [...] etc.”.

A tira abaixo ilustra uma situação humorística vivenciada pelos personagens Penadinho (fantasma), Muminho (múmia) e Zé Vampir (vampiro).

Figura 1: Tira de Maurício de Sousa



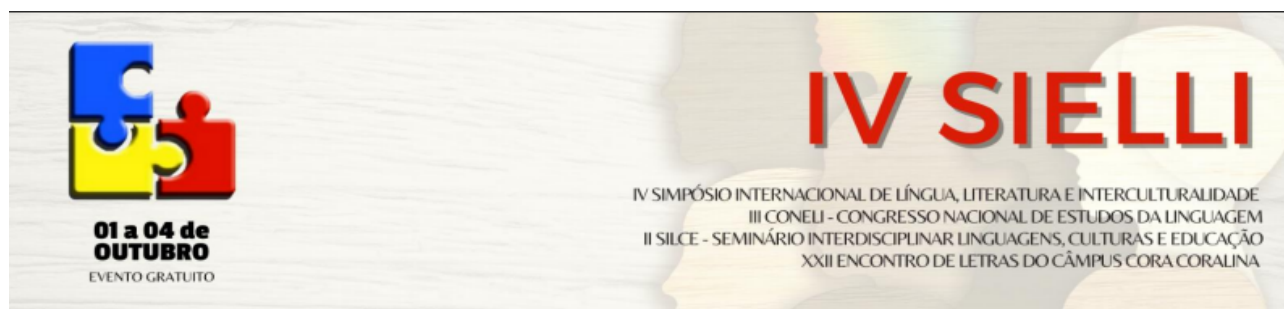
Fonte: SOUSA, Maurício. Twitter, 2018



Nessa tira, é importante instigar o aluno a perceber, de forma consciente, quais são os elementos que constroem o sentido do texto e desencadeiam o humor. Neves (2019, p. 115) elucida que "privilegiar a reflexão é exatamente a razão de preconizar-se um tratamento da gramática que vise ao uso linguístico". Com isso, aliada à análise linguística, entra em cena a análise semiótica, posto que se trata de um texto multissemiótico, em que a linguagem verbal e a visual estão imbricadas no processo de significação. Como já mencionado, a BNCC (Brasil, 2018) propõe a análise semiótica ao lado da análise linguística, sendo esse um dos quatro eixos das práticas de linguagem.

Em um primeiro momento, é preciso ajudar os alunos a constatar que os personagens escolhidos são personagens defuntos (fantasma e múmia) e um vampiro, o qual não pode andar na luz do sol, o que também justifica a escolha pelos elementos visuais que remetem ao tempo e ao espaço em que se passa a narrativa: a tonalidade cromática do céu e as estrelas indicam que é noite; o ambiente aberto, as cruzes e mausoléus ao fundo indicam que os fatos se passam num cemitério. Esses elementos são percebidos rapidamente pelos alunos, mas eles possivelmente não se deem conta do efeito de sentido produzido pela escolha das cores do céu. No primeiro quadrinho, a cor do céu é mais escura, o que se percebe pela tonalidade de azul. Já no segundo, a cor do céu é mais clara, num tom rosado, indicando que o dia está amanhecendo. Isso projeta a ideia de duratividade do “desmaio” de Zé Vampir em decorrência da ação de Penadinho, acentuando o problema. Nesse viés, cabe ao professor conduzir o olhar do aluno para que ele perceba essas marcas textuais e os sentidos que projetam.

Após a percepção dos efeitos de sentido decorrentes da linguagem visual, é importante voltar a atenção para o sentido da palavra “reflexo”, presente no enunciado de Muminho no segundo quadro: “Não devia fazer isso, Penadinho! Ele não tem reflexo!”. A palavra “reflexo”, associada ao personagem vampiro, nessa situação, desencadeia o humor porque remete a duas leituras. Em primeiro lugar, remete à ideia de que vampiros não possuem reflexo no espelho (condição associada a eles). Em segundo, à ausência/incapacidade de reação rápida. Assim, a tira brinca com o duplo sentido da palavra “reflexo”, que, nesse caso específico, desencadeia o riso.



Nesse viés, mais importante que classificar “reflexo” como substantivo simples, comum, abstrato... ou como objeto direto, é perceber que o vocábulo desencadeia significados diferentes na situação apresentada na charge e que a esse fato está associado o humor.

Ensinar gramática na escola é, então, criar possibilidades para que o aluno consiga olhar para a língua e perceber sua estrutura, regularidades e irregularidades, assim como os efeitos de sentidos que diferentes escolhas linguísticas, sintáticas, notacionais criam a depender do uso que se faz delas. Isso porque a língua “*não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas*” (Possenti, 1996, p. 46, grifo do autor). Só assim será possível ajudar os alunos a desenvolverem competências de leitura e de produção textual apuradas.

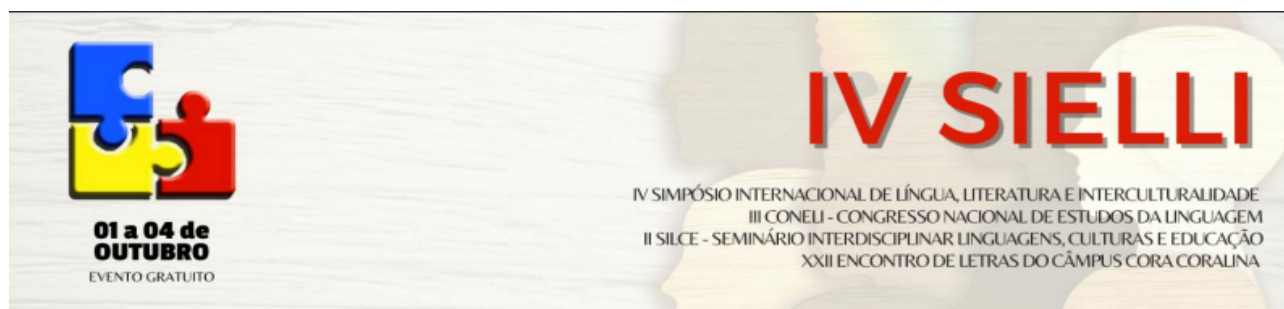
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou esclarecer a diferença entre ensino de língua e ensino de nomenclaturas gramaticais, refletindo sobre como a gramática está implicada no uso da língua e como pode ser explorada nas práticas de sala de aula a fim de promover o efetivo desenvolvimento das competências discursivas dos estudantes.

Ensinar Língua Portuguesa, portanto, implica propiciar atividades que ajudem os alunos a pensar, a analisar criticamente os enunciados e a produzir seus próprios textos em diversas situações de comunicação. Para que isso ocorra de forma efetiva, a BNCC (Brasil, 2018) enfatiza o ensino da língua em uso por meio de práticas significativas e contextualizadas, partindo do texto e voltando para o texto. Assim, os alunos não apenas aprendem sobre a língua, mas também a utilizam como ferramenta para expressar suas ideias e compreender as do outro, favorecendo um aprendizado mais profundo e conectado à realidade.

Ainda, fica claro que o foco das aulas de língua não é a classificação dos fatos da língua nem conhecer as nomenclaturas gramaticais. Isso não significa que não se possa trabalhar com a classificação dos elementos linguísticos ao mesmo tempo em que se desenvolvem atividades de leitura e produção textual, mas, se o objetivo é desenvolver as competências discursivas dos alunos, o foco principal não pode ser a classificação por si só.

Espera-se, então, que o presente estudo possa contribuir para (re)pensar o ensino de língua



materna e elaborar novas propostas em vista do desenvolvimento de competências discursivas dos estudantes, levando em consideração que o ensino de língua materna precisa propiciar a reflexão sobre os usos das estruturas escolhidas e os sentidos que produzem, de modo a ampliar as perspectivas de produção e compreensão de enunciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

GERALDI, João W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 39-46.

NEVES, Maria. H. de M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 47-56.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

SOUSA, Mauricio. **#Penadinho_TiraDaMeiaNoite**. Twitter, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/mauriciodesousa/status/1045518419821563904>. Acesso em: 10 nov. 2022.